

Goiás e a integração nacional

EMP 2.3.8.38

Durval Breda Cardoso

II

Em 1727, a principiari por N.S. de Santana, mais 22 núcleos urbanos foram instalados, todos fervilhando de gente nas mais diversas atividades relacionadas com a mineração. Era a "febre do ouro". A desmedida e inescrupulosa ambição dos invasores. Epidemias de varíola e sarampo dizimavam aldeias indígenas inteiras, cujos membros não possuíam, ao contrário dos forasteiros, nenhuma, imunidade contra tais enfermidades, inteiramente desconhecidas nas selvas. A par disso, por incríveis ordens régias, atrocidades inúmeras foram cometidas contra os aldeamentos, cujos habitantes, ao se levantarem contra os usurpadores, foram passados a fio de espada.

O episódio do ouro em Goiás, ainda que apreciado assim ligeiramente, não deixa, entretanto, de indicar uma situação paradoxal. As jazidas auríferas, uma riqueza imensa, desservindo a região onde foram encontradas, propiciando os mais hediondos crimes, as mais cruéis injustiças e o desvirtuamento dos propósitos dos próprios bandeirantes, cuja ambição nunca chegaria a esses extremos, mas cuja autoridade se deteriorou diante da poderosa força distorsiva gerada pela desorganização oficial vigente e a desbragada ambição.

Passou por fim a "febre do ouro", E com o seu declínio, veio a decadência. Até o contingente de escravos africanos, que pelas alturas de 1750, era de cerca de 100 mil, em Goiás, não passa de 12 mil em 1781. Pobres criaturas, foram tangidas e revendidas como gado para o trabalho sem fim, nas lavouras florescentes do Estado de São Paulo e do Rio. (pausa)

Goiás, quando chegava ao fim da era colonial, tinha pouco mais de 60 mil habitantes, originários das mais diversas raças, isolados nos araias em decadência, traumatizados pela onda de desconstrução que havia chegado ao fim, forçados a uma convivência e a uma miscigenação que o desejo de sobreviver endossava.

Foi trabalhosa e lenta a recuperação de Goiás. Para tal propósito, cooperaram os governadores da administração imperial cada qual empenhado no esforço para vencer a inércia criada pelas circunstâncias. Vale que se proclame, nesta oportunidade, como homenagem a todos, o extraordinário esforço de José Vieira Couto de Magalhães, o advogado da interligação das nossas duas grandes bacias hidrográficas, o poeta, o sonhador, o militar competente o vencedor do Araguaia e do Tocantins na sua ligação com o Atlântico.

Que nos seja perdoado o lugar comum. Mas nunca, como no caso de Goiás, a Fenix, resurgiria tão ativa e tão forte das próprias cinzas. O Goiano do fim do Império, quando lá por 1888 já se vislumbrava na madrugada imperial os indícios da aurora republicana, devido, acreditamos, ao longo isolamento, apresentava-se física e psicologicamente como um tipo característico,

enrijecido pela adversidade, com convicções próprias, consciente da sua extraordinária força, das reservas incalculáveis das suas jazidas mineiras, sem descuidar, numa sociedade regular em que o ponto alto era a riqueza pecuária, da sua predestinação pioneira, do imã que a fatalidade histórica iria acionar algumas décadas depois, num movimento decisivo para a integração nacional.

Veio a República encontrar Goiás, com 212 mil habitantes inteiramente recuperado, em lenta ascensão, fruto dos seus próprios esforços, da sua nascente potencialidade agropecuária, a atrair novamente a imigração dos seus vizinhos, de Minas, da Bahia e do Maranhão. Atentaram, então, os legisladores da República, os adeptos dos novos princípios e da nova filosofia, para os perigos feiticistas das cidades litorâneas, com a sua fascinação topográfica, aos contrastes do mar, com a natureza bruta. E voltaram-se para Goiás, para a estrela distante. E deram corpo e forma à esperança, colocando na letra morta da Lei, na Constituição de 91, a obrigatoriedade da mudança da capital do País para o quadrilátero do Brasil Central. Para a maioria do País, essa atitude dos legisladores republicanos foi tomada como um romântico, próprio dos primeiros passos, dos sonhos que se materializam e passam a viver. Ninguém a levou a sério. Até que, 70 anos depois, "O Divino Louco", na expressão inusitada de Roberto de Abreu Sodré, teve a coragem de dar consistência ao sonho de "construir" Brasília, de cumprir a Lei.

A plantação da nova Capital, entretanto, só foi possível graças a infra-estrutura regional consubstanciada no surto do progresso goiano, pois durante os 70 anos que mediarão entre a proclamação da República e a construção de Brasília, a inquebrantável fibra goiana transmutou aquele ambiente de decadência em um maravilhoso cenário de progresso, de trabalho e de civilização tornando o meio ambiente propício à instalação da nova sede das grandes decisões nacionais.

Uma das maiores demonstrações da capacidade realizadora da gente de Goiás, a Construção de Goiânia, sede do governo do estado a partir de março de 1937, foi um inteligente trabalho de pesquisa e planejamento, que fora os requisitos topográficos do mais adiantado urbanismo, a implantou, geograficamente no ponto mais rico de matas e terras propícias a policultura e a formação de pastagens. Hoje, Goiânia é um cidade de 300 mil habitantes. Seguem-lhe em importância econômica, Anápolis, Jatahy, Itumbiara, Rio Verde, Catalão, Formosa e a velha cidade de Goiás. São as de maior população, muito embora não possamos desprezar a importância econômica de Niquelandia, Cristalina, Cavalcanti, chapada dos Veadeiros, Ipamerly e Pium, na zona onde se encontram localizadas as maiores jazidas de cristal de rocha do mundo. Em Niquelândia, ainda encontra-se a

maior jazida de níquel do Brasil, à espera, até agora, de uma exploração racional. A população total de Goiás deve somar hoje cerca de 2.600.000 habitantes. Mas as possibilidades de expansão econômica e demográfica, são inúmeras se pensarmos nas riquezas minerais, no cromo, nas jazidas de ouro a serem exploradas por modernos métodos científicos em Aninçuns e Pôrto Nacional, nas jazidas de amianto e na fascinante riqueza diamantífera de Itumbiara.

Ao terminarmos, queremos encarecer, nesse instante, os nossos agradecimentos aos nossos irmãos-amigos pela consideração demonstrada em nos ouvir, e pedirmos, de público, as mais claras excusas a sua Exa., "nosso irmão-amigo, Doutor Lycurgo dos Santos Filho, por termos sido obrigados, em sua presença, com a inabilidade característica dos profanos, a violar o sacrário da História Goiana para, desordenadamente situar fatos e realizações.

Queremos dizer, ainda, uma última palavra a Goiás. Dizer que maior que essa formidável riqueza que o seu solo abriga, maior que a fertilidade do seu solo que ainda não conhece o adubo, é o goiano o homem de Goiás. Aquê que não desesperou, que guardou a serenidade diante dos revezes, que soube, e saberá sempre guardar a dignidade do seu destino de pioneiro e do papel que a História lhe reservou na integração econômica e social da nossa grande Pátria comum.

Dizer ao homem, de Goiás que estamos lhe falando de Campinas, uma esquina do mundo, de onde modernos aviões, uma nova forma de bandeiras, levam diariamente, a todos os quadrantes do Universo, a nossa mensagem de progresso e de confiança no futuro dos povos.

Que estamos lhe falando de Campinas, onde passam diariamente, a caminho do Brasil Central, de Brasília e de lá para Porto Velho e para Belém, na rota das bandeiras, pilotando gigantescos caminhões, modernos Pires de Campos e Paes de Barros, de arrevezados nomes, com os corações carregados de saudades, repetindo a saga, na tarefa desenvolvimentista correndo para o interior, como as bandeiras, a caminho do Atlântico, a caminho do grande Rio.

E dizer, por fim ao homem de Goiás, que um dia que já não está longe, obedecendo ao chamamento do grande estado do Brasil Central, os comboios de aço e de alta velocidade da Companhia Paulista, obedientes aos ideais de Saldanha Marinho e do Conselheiro Antonio da Silva Prado, irão transpor o Rio Grande, investir Itumbiara a caminho de Goiânia, de Brasília, de onde a rota se bifurcará, uma a caminho das plagas de Plácido de Castro, na trilha de Rondon, e outra, transposto o estreito, num paralelo ao Tocantins, às procuradas ondas verdes do Atlântico em Belém do Pará. E Goiás estará ainda mais perto de nós e será, mais ainda o Centro do Brasil. (Palestra pronunciada na reunião-jantar do Clube dos 21 Irmãos-amigos, de Campinas)

Coneio Popular, 21 - VIII - 1968